



## **A morfossintaxe de compostos X-V em inglês\*** *The morphosyntax of X-V compounds in English*

Ana Paula Scher  
(Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil  
UNICAMP, Campinas, São Paulo, Brasil - Pós-doutorado)

### **RESUMO:**

*Esse artigo analisa as formas compostas do tipo de X-V do inglês, buscando explicitar o processo pelo qual essas formas são derivadas. Parte-se da hipótese de que a faculdade da linguagem disponibiliza apenas um componente computacional e esse componente é a Sintaxe, que será responsável por manipular traços abstratos, por meio das operações de Merge e Move, para a formação de estruturas hierárquicas. Esse mecanismo gerativo é capaz de derivar esses compostos X-V através de processos concatenativos de formação de palavras, eliminando a necessidade de se postular um processo de derivação regressiva para dar conta dessas formações.*

**Palavras-chave:** *Compostos X-V. Derivação regressiva. Morfologia Distribuída.*

### **ABSTRACT**

*This paper analyses X-V compound forms in English and emphasizes the syntactic process through which these compounds are derived. The*

\* Bolsa Pq2 CNPq: 312610/2013-0. Agradeço aos participantes do III CBM, realizado na USP em novembro de 2015, aos membros do Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída e aos pareceristas que avaliaram este trabalho, por suas contribuições, que foram incorporadas ao texto, sempre que consideradas pertinentes, e que culminaram numa melhor versão final para o trabalho. Os erros que, por ventura, permanecem são de minha responsabilidade.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

*main hypothesis takes as its starting point the fact that the grammar has only one computational component and this component is Syntax, which governs the operations of Merge and Move and which is responsible for the generation of hierarchical structures. This generative mechanism is able to derive these compounds through concatenative processes of word formation, without recurring to back-formation processes to account for this data.*

**Key-words:** *X-V compounds. Back-formation. Distributed Morphology.*

## 1. Introdução

O tema deste trabalho é a formação de compostos X-V do inglês<sup>1</sup>, como os apresentados nos exemplos em (1). Esses compostos podem ter a categoria do primeiro membro variável, configurando três classes principais: i) nome-verbo (N-V), como em *babysit*, ii) adjetivo-verbo (A-V), como em *dry-clean*, ou iii) pronome-verbo (P-V), como em *self-destruct*, por exemplo.

- (1) Compostos X-V
- |                   |                     |
|-------------------|---------------------|
| a. to babysit     | b. to brainwash     |
| c. to headhunt    | d. to air-condition |
| e. to cross-refer | f. to self-destruct |
| g. to stone-wash  |                     |

Os compostos X-V estão claramente associados aos compostos em (2), conhecidos como *compostos sintéticos* do inglês, formas cujo segundo termo, ou seu núcleo, é uma forma deverbal, seja ela nominal ou adjetival:

- (2) Compostos sintéticos
- |                    |                     |
|--------------------|---------------------|
| a. babysitter      | b. brainwashing     |
| c. headhunter      | d. air-conditioner  |
| e. cross-reference | f. self-destruction |
| g. stone-washed    |                     |

A literatura sobre formação de palavras, em muitos dos casos (Marchand 1960, Adams 1973, Aronoff 1976, Selkirk 1982, Haspelmath 2002, Haspelmath e Sims 2010), assume que o processo envolvido na formação dos compostos X-V em (1) é a chamada derivação regressiva, doravante DR, tomada como o apagamento de uma unidade morfológica (ou fonológica, para alguns) de uma determinada base para se formar a palavra derivante. Por esse raciocínio, os

1. A tradução dos exemplos do inglês para o português aparecerá na seção Anexo, após as Referências, ou em glosas, caso seja relevante olhar para a estrutura interna da palavra. A ferramenta utilizada foi o dicionário *online* Merriam-Webster: <https://www.merriam-webster.com>.

compostos X-V em (3)a'-f' derivam, supostamente, dos compostos nominais ou adjetivais em (3)a-f, respectivamente, pelo apagamento da unidade morfológica destacada.

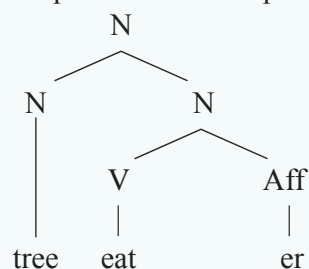
(3) Compostos sintéticos		Compostos X-V
a. babysitt- <i>er</i>	>	a'. to babysit
b. headhunt- <i>er</i>	>	b'. to headhunt
c. air-condition- <i>ing</i>	>	c'. to air-condition
d. cross-refer- <i>ence</i>	>	d'. to cross-refer
e. stone-wash- <i>ed</i>	>	e'. to stone-wash
f. self-destruct- <i>ion</i>	>	f'. to self-destruct

Marchand (1960) assume que compostos X-V, como *to stage-manage*, *to air-condition*, *to window-shop*, *to sharpshoot*, *to dry-clean*, entre outros, pressupõem a existência de nomes ou adjetivos compostos, tais como *stage-manager*, *air-conditioning*, *window-shopper*, *sharpshooter* e *dry-cleaning*, respectivamente, e se formam pelo processo de derivação regressiva a partir desses nomes ou adjetivos.

Adams (1973:108) fornece exemplos que parecem sugerir uma limitação para o processo de formação direta de compostos verbais, que são considerados uma inovação para o inglês da época. Para a autora a ocorrência esporádica de compostos do tipo de *to chain-drink*, derivados por analogia a *to chain-smoke*, que a autora afirma ter sido formado, por derivação regressiva, a partir de *chain-smoker*, não chega a sugerir mudanças nas regras básicas para a formação de compostos verbais do inglês daquela época. Assim, um verbo como *to volume-expand* pode até se formar diretamente (como um sintagma do tipo de *to expand volume*), independentemente de um composto nominal do tipo de *volume-expanding*.

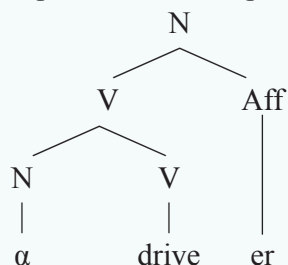
Selkirk (1982), por sua vez, assume a análise de Marchand (1960) e toma o mecanismo de derivação regressiva como um fenômeno qualitativamente diferente, que não compõe o sistema gerativo estrito do inglês. A autora trabalha com a representação em (4) para os compostos sintéticos:

(4) Compostos sintéticos para Selkirk (1982:29)



Lieber (1983) assume seu modelo de estrutura lexical (Lieber 1980)<sup>2</sup> e um princípio de ligação de argumentos. Recorrendo à estrutura já presente em Selkirk (1982:29) para os compostos sintéticos, e também à representação que ela mesma sugere para os que se formam em *-er*, *-ing* e *-ed* (cf.: (5)), a autora faz muitas previsões sobre a possibilidade de formação desse tipo de compostos, bem como sobre as suas possíveis interpretações.

(5) Compostos sintéticos para Lieber (1983:267)



Aronoff (1976) assume que os compostos X-V se formam a partir da aplicação invertida da regra de formação de palavras (RFP) em (6), para a derivação do nome agentivo em *-er* no inglês. Nesse caso, a RFP constitui-se de i) uma descrição formal da própria regra (cf.: (6)a), ii) das condições para a sua aplicação (cf.: (6)b) e iii) da semântica aproximada tanto dos elementos que a compõem, quanto do resultado de sua aplicação (cf.: (6)c).

(6) Regra de formação do agentivo #er:

- a.  $[X]_V \rightarrow [[X]_V \#er]_N$        $[Speak]_V \rightarrow [[Speak]_V \#er]_N$
- b. Condições para a base:  $[X]_V$  tem um argumento externo (*She speaks*: ela fala)
- c. Semântica aproximada:  $X\#er$  (*speaker*: falante) = alguém que  $Xs$  (*speaks*: fala)

De acordo com a proposta de Aronoff (1976), a aplicação invertida dessa regra para a formação de um composto X-V deve partir do nome composto agentivo terminado em *#er* e chegar ao composto verbal, como em (7):

2. Em linhas gerais o modelo de Lieber (1980) se descreve da seguinte maneira: para a autora, tanto a morfologia derivacional, quanto a morfologia flexional se realizam dentro do léxico, um componente da gramática que consiste de uma lista com todos os elementos terminais não passíveis de análise e suas entradas lexicais. Regras morfolexicais expressam a relação entre as variantes de morfemas flexionais listadas. O léxico também dispõe de um subcomponente de estruturas lexicais, em que elementos terminais são inseridos em estruturas arbóreas de ramificação binária não rotuladas, desde que respeitadas as restrições de subcategorização impostas aos afixos. A rotulação das estruturas lexicais se faz por mecanismos de percolação. Além disso, o léxico deve conter um subcomponente, que consiste de um conjunto de regras morfológicas interdependentes, com propriedades transformacionais.

## (7) Regra de formação do composto X-V:

- a.  $[[X-V]_V \#er]_N \rightarrow [X-V]_V$   
 $[[headhunt]_V \#er]_N \rightarrow [headhunter]_V$
- b. Condições: a base  $[[X-V]_V \#er]_N$  é um nome agentivo (*headhunter* – quem recruta executivos talentosos)
- c. Semântica aproximada: X-V (*headhunt*) = trabalhar como X-V#er (*headunter*)

Haspelmath (2002), além de Haspelmath e Sims (2010), por sua vez, sugerem que esses compostos resultam da aplicação de uma regra de correspondência morfológica (RCM), como (8), em seu sentido menos produtivo.

(8) RCM para a formação de nomes agentivos no inglês:<sup>3</sup>

- |           |                                    |
|-----------|------------------------------------|
| $/X/_{V}$ | $/X\partial r/_{N}$                |
| ‘do x’    | ‘a person who (habitually) does x’ |

(Haspelmath; Sims 2010:49)

Kiparspy (1982) assume que não é possível justificar um processo sincrônico de derivação regressiva para essas formações e, portanto, defende a natureza diacrônica desse processo, que resulta da reanálise da forma considerada como a derivante que, nesse caso, é o composto nominal ou adjetival. De acordo com essa análise, uma derivação independente produz a forma verbal derivada a partir da nova unidade morfológica resultante do processo de reanálise do composto.

Por outro lado, autores como Nagano (2007) e Martsa (2012) buscam demonstrar a relevância do caráter sincrônico desse processo. Para esses autores, apesar de não se poder negar a motivação diacrônica para o processo de formação desses compostos X-V, o crescente número de formações inovadoras atestadas sugere um forte potencial sincrônico para elas.

Outros autores sugerem que se trata de um processo derivacional sem realização fonológica do morfema categorizador, seguido de uma operação de truncamento que apaga a fonologia relevante (Marchand 1960). Finalmente, há os que assumem um processo de conversão, também seguido de uma operação de truncamento que apaga a fonologia relevante (Nagano 2007).

Todas essas propostas requerem a presença de um Léxico gerativo na arquitetura da gramática, e cada vez mais, modelos de gramática como a Morfologia Distribuída (MD) apontam fatos empíricos que comprovam que a Faculdade da Linguagem humana não comporta mais de um componente gerativo computacional. De acordo com o modelo da MD, o processo de formação de palavras envolve raízes acategoriais (elementos atômicos, não

3. Basicamente, a regra diz que um verbo  $/X/_{V}$  com a semântica ‘fazer x’ pode formar um nome  $/X\partial r/_{N}$  com a semântica ‘uma pessoa que (habitualmente) faz x’.

decomponíveis), categorias funcionais e processos que combinem essas raízes com essas categorias funcionais para a construção de elementos categorizados e complexos. Essa nova forma de olhar para os processos de formação de palavras exigirá, então, a investigação do processo de formação desses compostos X-V, diante dessa nova perspectiva. Na realidade, como afirmam Alexiadou e Iordachioaia (2015), os compostos X-V fomentaram um intenso debate sobre processos de formação de palavras entre seguidores de modelos lexicalistas e sintáticos, entre eles, Selkirk (1982), Lieber (1983), Ackema e Neeleman (2004), de um lado, e, de outro, Harley (2009), Borer (2013) ou Alexiadou e Iordachioaia (2015), por exemplo.

Este trabalho analisa os fatos descritos nos exemplos de (1) a (3), acima, além de outros que descreverei adiante, à luz desse modelo não lexicalista, que é a MD. A discussão segue organizada da seguinte forma: na seção 2, identifico mais propriedades dos compostos X-V e levanto novas questões. Em seguida, na seção 3, apresento o referencial teórico relevante para a pesquisa. A seção 4 traz uma parte do debate entre as hipóteses lexicalista e não lexicalista para o tratamento de compostos X-V, e a seção 5 aponta minha proposta para esses compostos, que aposta que as diferenças de comportamento entre os tipos distintos de compostos sintéticos, aos quais podem, ou não, se associar compostos X-V, não requerem uma regra especial dentro do léxico que as explique, uma vez que um princípio sintático independente pode dar conta dos casos bem e mal formados<sup>4</sup>. A seção 6 tece algumas considerações finais.

## 2. Propriedades e comportamento dos compostos X-V: algumas questões

De modo geral, é bastante produtiva a associação de uma forma verbal composta, que venho chamando de composto X-V, a um determinado composto nominal ou adjetival que, de acordo com Nagano (2007), pode ser de três tipos diferentes, como se vê nos exemplos abaixo, de (9) a (11):

- (9) Compostos X-V correspondentes a compostos nominais nucleados por um nome agentivo terminado em *-er*:
- |                    |                |
|--------------------|----------------|
| a. to babysit      | babysitter     |
| b. to proofread    | proofreader    |
| c. to shoplift     | shoplifter     |
| d. to window-shop  | window-shopper |
| e. to stage-manage | stage-manager  |

4. Lieber (1983) já falou isso sobre a exclusão de compostos impossíveis no inglês, como veremos adiante.

- (10) Compostos X-V correspondentes a compostos nominais nucleados por nomes eventivos terminados em *-ing*, *-tion* ou *-ence*:
- |                      |                      |
|----------------------|----------------------|
| a. to air-condition  | air conditioning     |
| b. to dry-clean      | dry cleaning         |
| c. to houseclean     | housecleaning        |
| d. to self-destruct  | self-destruction     |
| e. to back-form      | back-formation       |
| f. to cross multiply | cross multiplication |
| g. to cross-refer    | cross-reference      |
- (11) Compostos X-V correspondentes a compostos adjetivais nucleados por um particípio:
- |                   |             |
|-------------------|-------------|
| a. to custom-make | custom-made |
| b. to housebreak  | housebroken |
| c. to jam-pack    | jam-packed  |

É necessário observar, entretanto, que, embora bastante produtivo, o processo de formação desse tipo de verbos compostos denominais correspondentes a formas compostas nominais ou adjetivais não se dá sem restrições. Assim, por exemplo, são mal formados os verbos de (12):

- |                         |               |
|-------------------------|---------------|
| (12) a. *to truck drive | truck driver  |
| b. *to road run         | roadrunner    |
| c. *to windowclean      | windowcleaner |
| d. *to food-poison      | foodpoisoning |
| e. *to light-step       | lightstepping |
| f. *to quick-act        | quick-acting  |

Diante de fatos como os descritos em (12), Bloomfield (1933:232) formula uma generalização que dá conta da suposta má-formação de compostos N-V do inglês, em que N é o argumento interno de V. Essa restrição, no entanto, não prevê a boa formação de verbos como *to housekeep*, *to bootlick*, *to birdwatch*, *to sightsee*, etc., e nem, tampouco, o fato já observado em Ackema e Neeleman (2004), de que muitos outros compostos N-V são bem-formados no inglês, conforme se vê em (13).

- |                     |
|---------------------|
| (13) a. to headhunt |
| b. to stage-manage  |
| c. to proofread     |
| d. to housekeep     |
| e. to brainwash     |

Além disso, os autores também apontam que a restrição de Bloomfield nada tem a dizer sobre a boa ou má-formação de compostos A-V dessa língua (cf.: (14)):

- (14) a. to fine-tune  
b. to dry-clean  
c. \*to quick-act  
d. \*to light-step

Tampouco, essa restrição faz previsões sobre a formação de compostos X-V, paralelos a compostos com formas participiais na segunda posição (cf.: (15)):

- |                        |             |
|------------------------|-------------|
| (15) a. to jerry-build | jerry-built |
| b. to housebreak       | housebroken |
| c. to hard-boil        | hard-boiled |
| d. to sunburn          | sunburnt    |

Ackema e Neeleman (2004) também observam que, de modo geral, compostos X-V não se formam quando o nome pode ser o argumento do verbo (cf.: (12)a). Os autores apontam, entretanto, que, apesar de haver casos em que isso acontece, tais como os exemplos em (13), esses são exemplos em que os verbos formados não perdem a sua transitividade, como sugerem ser a regra geral, mas aceitam argumentos de natureza semelhante ao elemento que se associa ao verbo nesses casos (cf.: (16) e (17))

- (16) a. our cottage is housekept by ourselves  
(Ackema; Neeleman 2004:55)  
‘nossa casa de campo é mantida (casa-cuidada) por nós mesmos’
- b. they **stage-managed the demonstration**  
‘eles organizaram (palco-gerenciaram) a demonstração’
- c. they **proofread the manuscript**  
‘eles revisaram (prova-leram) o manuscrito’
- (17) a. Fifa president Cuthbert Dube on Friday appeared to bootlick Fifa president Sepp Blatter in front of a watching world.<sup>5</sup>  
‘Na sexta-feira o presidente da FIFA Cuthbert Dube apareceu para bajular (bota-lamber) o presidente da FIFA Sepp Blatter perante olhos atentos do mundo todo’
- b. Travellers are spoilt with laminated flooring and colourful and comfortable interiors as they **sightsee the beautiful English countryside**.  
‘Viajantes são mimados com pisos laminados e interiores

5. Os dados em (17) foram retirados da internet.



coloridos e confortáveis, enquanto eles apreciam (vistas-veem) o belo interior inglês.’

c. I **birdwatched** 98 **birds**...

‘Eu observei (pássaro-observei) 98 pássaros’

Não menos importante é a observação da derivação de formas do tempo passado para os compostos X-V. Essa morfologia flexional aponta para uma questão interessante, já que, por um lado, as formas regulares marcadas com “?”, em (18), apesar de não serem previstas pelo dicionário utilizado nesta pesquisa (<http://www.merriam-webster.com>, conforme apontado na nota 1), são atestadas em exemplos de sites da internet, como revela Martsa (2012:214). Por outro lado, exemplos como (18)d, para os quais se esperaria uma forma de passado irregular, apresentam um comportamento de verbo regular.

(18) a.	to babysit	?babysitted	babysat
b.	to proofread	?proofreaded	proofread
c.	to sightsee	?sightseed	sightsaw
d.	to grandstand	grandstanded	*grandstood

Outra característica que vale a pena comentar é a transparência das noções de agente e tema em dados como *window cleaner* e *truck driver*, entre outros já apresentados em (12), que podem ser descritos da seguinte maneira:

(19)	X-er (of Ys)	Z...X-s Ys
------	--------------	------------

Em (19), X é uma variável que representa a forma verbal e se associa ao sufixo agentivo *-er*, Y é uma variável que representa o argumento interno de X e Z, uma variável que representa o argumento externo de X. Essa descrição, aplicada aos dados em (20)a-f, torna possível interpretá-los como em (20)a’-f’, o que sugere, claramente, a manutenção das noções de agente e tema nas duas formas<sup>6</sup>:

(20) a.	ratcatcher	a’. catcher of rat(s) / Z catches rat(s)
b.	truck driver	b’. driver of truck(s) / Z drives trucks(s)
c.	road runner	c’. runner of road(s) / Z runs road(s)
d.	window cleaner	d’. cleaner of window(s) / Z cleans window(s)
e.	window dresser	e’. dresser of window(s) / Z dresses window(s)
f.	windscreen-wiper	f’. wiper of windscreen(s) / Z wipes windscreen(s)

Por sua vez, os compostos nominais ou adjetivais que admitem correspondência com compostos X-V, descritos de (9) a (11), não parecem se

6. Note-se que, para esses compostos, não há correspondentes na forma X-V, como já apontei acima.

encaixar nessa descrição. Assim, por exemplo, considerando-se as composições em (21), observa-se que são agramaticais as descrições de (21)a,b que seguem o padrão em (19), como se confirma em (22). O exemplo (21)c, por não corresponder a uma forma composta agentiva, sequer se submete a (19):

- (21) a. dry-cleaner  
b. shoplifter  
c. backformation
- (22) a. \*cleaner of dries                      \*Z cleans dry  
b. \*lifter of shops                            \*Z lifts shops

Finalmente, é interessante perceber a relação de hiponímia que se estabelece entre compostos que não têm correspondentes em compostos X-V, como *truck driver*, que é um hipônimo de *driver*. O mesmo nem sempre ocorre com compostos que admitem tal correspondência, tais como *shoplifter*, que não é um tipo de *lifter*.

Diante dessas observações iniciais, buscaremos verificar como as propriedades descritas poderão determinar a representação estrutural dos compostos em análise neste trabalho. Os fatos apontados de (9) a (22) levantam as seguintes questões:

- a) Que relação se estabelece entre os compostos X-V e os compostos sintéticos, correspondentes?
- b) O que licencia as formas verbais de (9) a (11), mas não aquelas em (12)?
- c) O que justifica a manutenção da transitividade do verbo composto formado?
- d) O que justifica o comportamento descrito em (18) para os compostos X-V?
- e) O que licencia a interpretação em (19) para os dados em (20), mas não em (22)?

Pode-se dizer, depois de apresentadas questões de diversas naturezas, que umas das principais questões a se responder aqui é a seguinte: a formação dos compostos X-V se dá independentemente ou depende da formação de compostos nominais ou adjetivais correspondentes? Na próxima seção, apresentarei alguns aspectos do modelo que fundamentará a minha análise e descreverei, ainda, uma parte do debate entre seguidores de modelos lexicalistas e não lexicalistas sobre a formação de compostos X-V.

### 3. Referencial Teórico

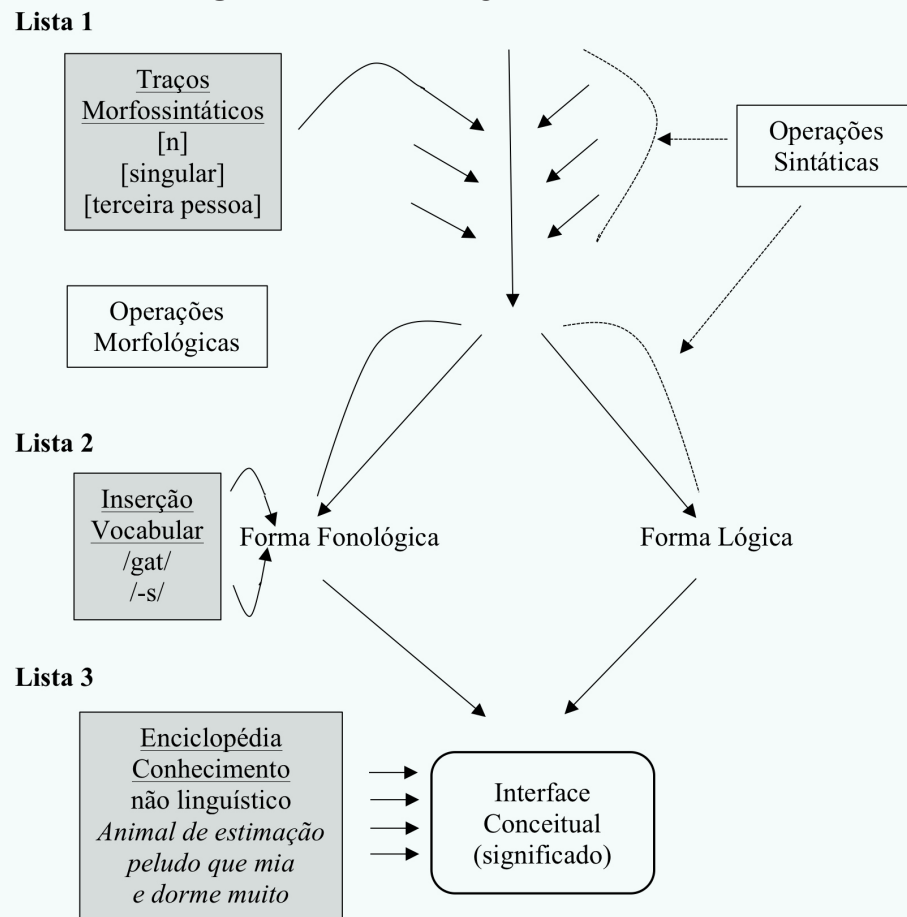
#### 3.1 Morfologia Distribuída

A MD é um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa, embora seja uma versão não lexicalista dessa teoria. Seu marco inicial foi a publicação do artigo de Moris Halle e Alec Marantz *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*, no ano de 1993 (Halle; Marantz 1993). Nesse modelo, palavras e sentenças são formadas através dos mesmos mecanismos sintáticos. A sintaxe é, então, o único componente gerativo do sistema, realizando operações tais como *merge* (concatenar) e *move* (mover), as mesmas operações assumidas pelo Programa Minimalista. Assume-se, ainda, que as informações de natureza morfofonológica, sintática e semântica, antes concentradas no léxico, não precisam estar limitadas a um único componente, mas estão distribuídas entre os componentes da gramática. Todo o processo de formação de palavras ou sentenças ocorre no componente sintático, com possíveis alterações em um componente morfológico, pós-sintático.

O abandono da noção de léxico como um componente gerativo e o tratamento sintático para a formação de palavras requerem uma reformulação da arquitetura da gramática. Siddiqi (2009:14) formula a proposta que vem reproduzida na Figura 1, abaixo. O que era antes informação tipicamente atribuída ao léxico foi distribuído para diferentes lugares da gramática. Assim, a MD conta com três listas:

- a) Lista 1 (*Morphosyntactic features*, na Figura 1) – pode ser vista como um léxico reduzido, pois contém os primitivos com os quais a sintaxe opera, mais especificamente, raízes e traços morfossintáticos (traços de tempo, de número, etc.). Tais traços são puramente abstratos, ou seja, desprovidos de conteúdo fonológico. Quanto às raízes, é grande a discussão em torno da presença ou ausência de fonologia nesses itens, mas a ideia que se mantém é a de que esses elementos são os átomos mínimos com os quais a sintaxe opera para formar palavras;
- b) Lista 2 (*Vocabulary*, na Figura 1) – conhecida como Vocabulário, essa lista é responsável pelas regras que associam contextos sintáticos a materiais fonológicos, ou seja, traz os expoentes fonológicos com a especificação de seu contexto de inserção; são os chamados Itens de Vocabulário (IVs);
- c) Lista 3 (*Encyclopedia*, na Figura 1) – conhecida como Enciclopédia, a lista 3 contém entradas enciclopédicas que relacionam IVs a significados e abriga informações extralinguísticas, relacionadas à interpretação semântica dos elementos já gramaticalmente formados.

**Figura 1 - Estrutura da gramática em MD**



(Siddiqi 2009, adaptado por Armelin 2015)

Finalmente, três propriedades importantes definem o modelo da MD:

- Inserção Tardia** – refere-se à hipótese de que, por serem invisíveis ao componente computacional, as expressões fonológicas de terminais sintáticos são fornecidas pós-sintaticamente, no mapeamento para a Forma Fonológica (PF), quando tais terminais passam pela chamada Inserção de Vocabulário. Essa inserção é guiada por regras que ligam conteúdos fonológicos a contextos sintáticos, os IVs;
- Subespecificação** – hipótese de que as expressões fonológicas não precisam conter todos os traços presentes nos terminais sintáticos. Assim, a sintaxe gera especificações que podem estar ausentes no IV e mesmo assim esse último pode ser inserido. O que não pode acontecer é a peça fonológica ter traços morfossintáticos que não estão presentes na derivação gerada pela sintaxe;
- Estrutura Sintática *all the way down*** – é o princípio que garante que, na formação de expressões linguísticas, os IVs são inseridos em estruturas

hierárquicas geradas pela sintaxe. A MD está baseada na proposta de que os elementos da sintaxe e da morfologia são entendidos como discretos em vez de resultados de processos morfofonológicos. Não há necessidade de derivações ou processos pré-sintáticos.

### *3.2 Processos Morfológicos: morfologia (não) concatenativa: Os ideais concatenativo e não concatenativo*

Nesta subseção, serão apresentadas algumas propriedades dos processos concatenativos e não concatenativos de formação de palavras, tomando por base a ocorrência de um processo visível de associação de unidades morfológicas internamente à palavra.

Processos morfológicos nas línguas naturais, de modo geral, envolvem unidades morfológicas e instruções que regulam a combinação dessas unidades para a formação de palavras: são afixos que se concatenam a raízes ou a bases, raízes que se concatenam a bases, raízes que se concatenam a outras raízes, bases que se concatenam a outras bases, enfim, processos de diferentes naturezas que se realizam por meio da concatenação de unidades morfológicas menores, para a formação de outras unidades maiores. Idealmente, todos os processos morfológicos deveriam ser assim caracterizados.

Partindo de uma perspectiva distinta da que se assume neste trabalho, Bye e Svenonius (2012:429-430) definem padrões de não concatenatividade como fenômenos que se desviam das características que eles descrevem como componentes do *Ideal Concatenativo*:

- (23) Ideal concatenativo:
- a. Precedência apropriada: morfemas ordenados linearmente (sem sobreposição);
  - b. Contiguidade: morfemas são contíguos (não há descontinuidade);
  - c. Aditividade: morfemas são aditivos (não há subtração);
  - d. Preservação de morfemas: morfemas são preservados, quando outros morfemas são adicionados a eles (não há sobrescrita)
  - e. Autonomia segmental: o conteúdo segmental de um morfema é livre de contexto (morfemas não devem ter conteúdo segmental determinado pela entrada lexical de outro morfema);
  - f. Desarticulação: morfemas são desarticulados (não há haplologia).

Os autores apontam que o efeito imediato da formulação desse ideal concatenativo é a identificação de fenômenos que o desafiam, caracterizando-se como não concatenativos, da seguinte forma:

- (24) Fenômenos não concatenativos:
- Afixação autosegmental:** um traço flutuante provoca a mutação do segmento inicial da raiz: /blurk<sup>7</sup>+ [SprGl]<sup>8</sup>/, /blurk+C<sub>[SprGl]</sub>/ → [p<sup>h</sup>lurk];
  - Infixação:** associação de fronteira depende de especificações lexicais do afixo: /blurk+in/ → [bl-in-urk];
  - Subtração:** caso especial de afixação autosegmental. Posição de afixo autosegmental é apagada por razões fonológicas: /blurk-C#/ → [blur];
  - Ablaut:** Combina propriedades de afixação e infixação autosegmental com pre-especificação da integração do afixo à palavra: /blurk+a/ → [bl-a-rk];
  - Satisfação templática, cópia:** O afixo é nó prosódico subespecificado ou não especificado segmentalmente. Epêntese ou cópia fornece o material necessário no componente fonológico: /blurk+σ<sub>μ</sub>σ<sub>μμ</sub>/ → [b«lurk];
  - Haplogogia:** supressão de uma sequência de segmentos para evitar o encontro malsoante de duas sílabas idênticas ou muito semelhantes: /blurk<sub>i</sub>+urk<sub>j</sub>/ → [bl {urk} <sub>ij</sub>].

Por sua vez, Davis e Tsujimura (2014) formulam sua concepção de não concatenatividade em termos da expressão de exponência: morfologia não concatenativa envolve processos morfológicos em que a exponência não é expressa pela concatenação de conteúdo fonêmico aditivo a uma base. Dessa forma, diferentemente de Bye e Svenonius (2012), os autores assumem que, assim com a prefixação e a sufixação, processos como infixação envolvem conteúdo fonêmico consistente, além de uma demarcação clara do morfema infixado e, portanto, não se encaixam entre os casos de morfologia não concatenativa discutidos por eles. Assim, as concepções de morfologia (não) concatenativa presentes nas pesquisas brevemente relatadas acima mostram que o debate sobre o que, de fato, configura não concatenatividade ainda pode ser bastante intenso.

### 3.3 Derivação regressiva

A partir da observação de verbos formados por afixação (cf.: (25)b), conversão (cf.: (26)b) e, supostamente, por DR (cf.: (27)b), Marchand (1960, 1963), sugere que há, em cada forma verbal, um conteúdo novo e comum a todas

7. /blurk/ representará uma raiz fictícia nesta série de exemplos.

8. Clements e Hume (1995), em sua geometria de traços no modelo da fonologia auto-segmental, sugerem o traço [±spread glottis] ([SprGl] no exemplo), pertencente ao nó laríngeo, que representa a presença ou ausência de aspiração na consoante.

elas. Dessa forma, considerando os exemplos de (25) a (27), o autor identifica a presença do significado *put on* (produzir) em todas as formas verbais derivadas.

- |      |    |  |  |           |
|------|----|--|--|-----------|
| (25) | a. | film <sub>(N)</sub>  | film   |           |
|      | b. | film + ize <sub>(V)</sub><br>filme + izar  | <u>put on film</u><br>produzir filme           | afixação  |
| (26) | a. | catalog <sub>(N)</sub>   | catalog  |           |
|      | b. | catalog + $\emptyset$ <sub>(V)</sub><br>catálogo + $\emptyset$                   | <u>put on catalog</u><br>produzir catálogo     | conversão |
| (27) | a. | television <sub>(N)</sub>  | television                                     |           |
|      | b. | television + $\emptyset$ <sub>(V)</sub><br>televisão + $\emptyset$<br>(televise) | <u>put on television</u><br>produzir televisão | DR        |

(*apud* Nagano 2007:51)

Esse novo significado constitui uma ampliação do significado original da forma derivante e, para o autor, está associado a um acréscimo na forma dos verbos derivados, nomeadamente, tem a ver com o acréscimo do afixo verbal, que pode, ou não, corresponder a uma realização fonológica. As representações para os novos verbos dos exemplos “b” de (25) a (27) não apresentam, portanto, problemas de iconicidade, pois ao acréscimo observado de um determinado significado, corresponde o acréscimo de uma determinada forma (mesmo que seja o morfema zero).

Para dar conta da ausência de fonologia referente à morfologia verbal nos produtos da conversão e da DR, Marchand (1960, 1963) sugere que ambas passam por um processo de afixação de uma morfologia verbal sem realização fonológica, chamado por ele de derivação zero (cf.: (26)b e (27)b). Nos dois casos, esse processo deve ser seguido de outro, que elimina a morfologia nominal, realizada fonologicamente, ou não, na forma de base. Em outras palavras, as formas relevantes passam por uma operação de truncamento que retira delas os elementos incompatíveis com sua nova categoria. Assim, de acordo com a proposta, no caso da derivação de *televise* a partir de *television*, o exemplo em “a” de (27), depois da inserção da morfologia verbal, é o sufixo nominal *-ion* que deve ser apagado na operação de truncamento. DR é, portanto, um processo complexo de formação de palavras que envolve duas operações: derivação zero e truncamento.

O que Marchand (1960, 1963) fez, portanto, foi tratar os processos de conversão e DR como casos especiais do processo de afixação, em que o afixo envolvido não tem realização fonológica: derivação zero. Nagano (2007), por sua vez, aponta um problema interessante para essa análise, já que, para a autora, diferentemente do que assume Marchand (1960, 1963), o processo de afixação não pode se assemelhar ao de conversão. Isso se dá, em sua avaliação,

pelo simples fato de que o processo de afixação não pode derivar formas com tantos significados quanto os que são verificados nas formas verbais resultantes do processo de conversão. O quadro a seguir, elaborado pela autora, mostra essa diferença entre os dois processos de formação de palavras: isso quer dizer que, para Nagano (2007), o processo de conversão não se equipara ao de derivação zero.

**Quadro 1** - Comparação semântica entre afixação e conversão: (Nagano 2007:54)

Grupo Semântico	Verbos afixados	Verbos formados por conversão
a) Mudança de posse Mudança de posse + with + NOT	vitaminize, resinify; debug, disbar, uncork; anthologize, ghettoize;	sugar, buttonhole; fleece (the sheep); lodge;
b) Mudança de lugar Mudança de lugar + with + NOT	derail, uncage, displace; Disneyize, mummify;	quarry (the marble); widow; referee;
c) Alvo	burglarize, vampirize.	canoe;
d) Maneira		winter;
e) Instrumento		piece;
f) Duração		cram;
g) Fonte		trial;
h) Alimentação/Colheita/ Clima		meow; backpack.
i) Ação		
j) Simbolismo sonoro		
k) Miscelânea		

De modo paralelo, não seria correto falar em semelhança entre derivação zero e os casos de DR, também. Por esse motivo, ao levantar esse problema para a hipótese de Marchand (1960, 1963), Nagano (2007) logo sugere uma solução, descartando parcialmente a proposta daquele autor, como apontarei a seguir. Na realidade, a autora oferece argumentos semânticos para aproximar o mecanismo de DR do processo de conversão. Assim, observando os domínios semânticos dos três processos, Nagano (2007) destaca, através do quadro 2, o distanciamento existente entre o processo de DR e o processo de afixação, ao mesmo tempo que aproxima os processos de DR e de conversão:



**Quadro 2** - Comparação semântica entre afixação, conversão e DR: (Nagano 2007:55)

Grupo Semântico	Verbos afixados	Verbos formados por conversão	Verbos formados por derivação regressiva
(a) Mudança de posse	fortify	marmalade	bibliography (< bibliography)
(b) Mudança de lugar	ghettoize	lodge	televise (< television)
(c) Alvo	methanate	cash	jell (< jelly)
(d) Maneira	vampirize	mother	buttle (< butler)
(e) Instrumento		rivet	rotavate (< Rotavator)
(f) Duração		winter	adolesce (< adolescence)
(g) Fonte		word	tiff (< tiffin)
(h) Colheita/Aliment./Clima		shrimp	aviate (< aviation)
		dart	york (< yorker)
(i) Ação		meow	
(j) Simbolismo sonoro		jungle	
(k) Miscelânea			

Ainda assim, Nagano (2007) segue os passos de Marchand (1960, 1963), apresentando sua análise para DR, como um processo complexo que se compõe de dois outros processos. A diferença entre as duas propostas fica por conta da definição desses processos. Para a autora, não se trata de derivação zero, mas de conversão, um processo que muda a categoria da palavra, sem, no entanto, afetar a sua forma, seguido de truncamento, uma operação que apaga parte de uma palavra ou sintagma existente para reduzir sua forma fonológica (cf.: (28)):

- (28) a. editor<sub>(N)</sub>                  editor<sub>(V)</sub>                  edit<sub>(V)</sub>  
       b. babysitter<sub>(N)</sub>              babysitter<sub>(V)</sub>              babysit<sub>(N)</sub>

Os problemas que a autora apontou para os modelos descritos anteriormente, não se colocam para a sua análise. No entanto, há outras questões que precisam ser solucionadas. Assim, por exemplo, a autora ressalta a imprevisibilidade do processo de truncamento, mas afirma, ao mesmo tempo, que, em casos não marcados, o truncamento se aplica, precisamente, a um sufixo. Isso sugere que o processo que se aplica a esses dados pode não ser tão imprevisível como sustenta a autora. De modo geral, mesmo em casos marcados, o elemento que está ausente na forma derivada tem propriedades afixais, ainda que ele não seja mais produtivo, como em (29)a, ou que seja inesperado, em termos categoriais, como em (29)c:

- (29) a. surveillance<sub>(N)</sub>                  >                  to surveille<sub>(V)</sub>  
       b. bruxism<sub>(N)</sub>                          >                  to brux<sub>(V)</sub>

- |                             |   |                          |
|-----------------------------|---|--------------------------|
| c. frivolous <sub>(A)</sub> | > | to frivol <sub>(V)</sub> |
| d. peevish <sub>(A)</sub>   | > | to peeve <sub>(V)</sub>  |

A solução para esse problema vem com a redefinição da noção de truncamento pela autora: “(...) mesmo quando uma palavra base termina em (algo que pareça ser) um sufixo, o apagamento se aplica para que o padrão fonológico preferencial da língua seja obtido, e não para que se remova um sufixo propriamente dito.”<sup>9</sup> (Nagano 2007:58). Entretanto, as formas derivadas, abaixo, de (30)a-d, não exibem esse refinamento: o que falta nelas é um sufixo e elas não parecem exibir um mesmo padrão fonológico preferencial:

- |   |   |                               |
|---|---|-------------------------------|
| (30) a. self-destruction <sub>(N)</sub> | > | sef-destruct <sub>(V)</sub>   |
| b. television <sub>(N)</sub>            | > | televise <sub>(V)</sub>       |
| c. breathalyzer <sub>(N)</sub>          | > | breathalyze <sub>(V)</sub>    |
| d. babysitter <sub>(N)</sub>            | > | babysit <sub>(V)</sub> , etc. |

Nesse caso, a solução será dizer que o truncamento ocorre na DR para ajustar a forma convertida à sua nova categoria morfológica. Assim, se o *input* da palavra tem um (pseudo)sufixo nominal ou adjetival, como é o caso de *television*, em (27)b e em (30)b, acima, o *output* verbal do processo de conversão terá a mesma forma nominal ou adjetival; a posterior aplicação do truncamento remove da nova forma o elemento categorial incompatível com a nova categoria, nesse caso, o verbo, ajustando o *output* a essa categoria (cf.: (31)).

- |                                |                           |                                      |
|--------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|
| (31) television <sub>(N)</sub> | television <sub>(V)</sub> | television <del><sub>(V)</sub></del> |
|--------------------------------|---------------------------|--------------------------------------|

O esclarecimento da autora deixa ainda sem explicação a inserção da vogal *-e* ao fim do novo verbo, o que parece indicar uma terceira operação componente da DR, se a análise da autora for mantida. No entanto, outro problema chama atenção: como explicar os casos em que a parte apagada não corresponde a um afixo na língua, como se vê nos exemplos em (32), abaixo, quase todos provenientes de uma língua estrangeira em relação ao inglês:

- |                                  |   |                            |
|----------------------------------|---|----------------------------|
| (32) a. chauffeur <sub>(N)</sub> | > | to chauffe <sub>(V)</sub>  |
| b. liaison <sub>(N)</sub>        | > | to liaise <sub>(V)</sub>   |
| c. delirium <sub>(N)</sub>       | > | to delir <sub>(V)</sub>    |
| d. hokum <sub>(N)</sub>          | > | to hoke <sub>(V)</sub>     |
| e. gondola <sub>(N)</sub>        | > | to gondole <sub>(V)</sub>  |
| f. ultimatum <sub>(N)</sub>      | > | to ultimate <sub>(V)</sub> |
| g. rotisserie <sub>(N)</sub>     | > | to rotisse <sub>(V)</sub>  |

(exemplos de (32) adaptados de Nagano 2007:43)

9. No original: “(...) even when a base word ends in (what seems to be) a suffix, the deletion applies so as to obtain this preferred phonological pattern rather than to remove the suffix itself.”

As formas nominais em (32) exibem um elemento que pode ser interpretado como um sufixo de natureza nominal nas línguas originais, mas não em inglês:

- (33) a. francês: –eur (agente); –aison (ação ou resultado dela); –erie, –ie- (lugar);  
 b. latim: –um (declinação de acusativo);  
 c. italiano: –ola (sufixo que marca afetividade).

A pergunta que se coloca aqui, então é: de que pistas a operação de truncamento sugerida por Nagano (2007) para compor o processo de derivação regressiva precisa para apagar exatamente o que é necessário, para que as formas derivadas possam se tornar verbos, de fato?

#### 4. Compostos X-V fomentando o debate entre lexicalistas e não lexicalistas

Ackema e Neeleman (2004) oferecem a sua análise para a formação de compostos sintéticos<sup>10</sup>, partindo de duas propostas já existentes, as de Selkirk (1982) e de Lieber (1983), já vistas anteriormente, mas repetidas abaixo, em (34):

(34) Compostos sintéticos para Selkirk (1982) e Lieber (1983):

- |                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| a. $[_N N [_N V\text{-}affix_N]]$ | $[_N truck [_N drive\text{-}er_N]]$<br>(Selkirk 1982: 28-43)  |
| b. $[_N [_V N V] affix_N]$        | $[_N [_V truck drive] \text{-}er_N]$<br>(Lieber 1983: 267-87) |

A proposta em (34)a surge da assunção de que (34)b é problemática por ter como base o composto N-V, sistematicamente inexistente em inglês<sup>11</sup>. O esquema em (34)a leva em conta a produtividade de compostos N-N e nomes agentivos como *driver* no inglês. Essa análise assume que o nome *driver* herda o papel temático de argumento interno do verbo *drive* e poderá atribuí-lo ao nominal *truck*, que forma com ele o composto N-N *truck-driver* (cf.: (35)). Uma vantagem dessa análise está no fato de que ela não depende de uma operação morfológica *ad hoc*.

(35)  $[_{NP} [_N drive\ er] \text{ of a truck}]$

No entanto, Ackema e Neeleman (2004) identificam três problemas para essa proposta. O primeiro leva em conta o fato de que, de modo geral, nomes derivados (*driv-er* em (34)a) bloqueiam a leitura idiomática oriunda da combinação entre o verbo e o argumento interno (cf.: (36) e (37)). Compostos

10. Cf.: *headhunter*, *stone-washed*, *air-conditioning*, *brainwashing*, *babysitter*.

11. Cf.: Marchand (1960) e Adams (1973), por exemplo.

sintéticos, portanto, deveriam ser impossíveis em expressões idiomáticas, pois incluem um nome derivado, mas isso contraria os fatos, como mostra (38)<sup>12</sup>:

- (36) This game usually breaks the ice at parties.  
'Esse jogo, geralmente, quebra o gelo em festas.'
- (37) #This game is a great breaker of the ice.  
'Esse jogo é um ótimo quebrador de gelo.'
- (38) This game is a great icebreaker at Christmas parties.  
'Esse jogo é um ótimo quebra-gelo em festas de natal.'

Além disso, a motivação principal para o surgimento de (34)a, ou seja, a inexistência de compostos N-V no inglês, se mostra um argumento fraco, quando dados do holandês entram em cena: os compostos nessa língua exibem um comportamento bastante semelhante aos do inglês, exceto pelo fato de que, em holandês, compostos N-V se formam produtivamente e podem, inclusive, ocupar a posição de V em compostos V-N, como se vê em (39):

- (39) [<sub>N</sub> [<sub>V</sub> appel pluk] machine]  
*apple pick machine*  
'colheitadeira de maçãs'

A análise de (39) em termos de (34)a, no entanto, não se aplica. A impossibilidade de (40) e (41) mostra que, por não ser o núcleo do composto, o verbo *pluk* não transfere para *pluk machine* o papel temático a ser atribuído a *apple*, argumento interno do composto:

- (40) \*<sub>[NP</sub> [<sub>N</sub> pluk machine] van appels]  
*pick machine of apples*
- (41) \*<sub>[N</sub> appel [<sub>N</sub> pluk machine]]  
*apple pick machine*

Finalmente, o terceiro problema apontado pelos autores para (34)a é que essa análise não explica por que os compostos do tipo N-V não se formarão nos casos em que N puder ser analisado como argumento de V (cf.: (42)b).

- (42) a. to [<sub>V</sub> baby-sit]  
b. \*to [<sub>V</sub> truck drive]

A análise tradicional para a boa formação do composto *babysit*, em (42) a, e de outros compostos N-V de natureza semelhante, é aquela que recorre ao processo de DR. No entanto, para que isso faça sentido, esse processo deve envolver uma reanálise da estrutura do composto, conforme (43):

12. Os dados de (36) a (38) estão em Ackema e Neeleman, (2004:56, 2010:25).

- (43) a.  $[_N \text{ baby } [_N \text{ sit er}]] \rightarrow (43)\text{b}$   
 b.  $[_N [_V \text{ baby sit} ] \text{ er}] \rightarrow (43)\text{c}$   
 c.  $\text{to } [_V \text{ baby sit}]$

O que fica sem explicação é o fato de que tal reanálise não acontecerá para derivar *to truck drive*, que é agramatical.

- (44) a.  $[_N \text{ truck } [_N \text{ driv er}]] \nrightarrow (44)\text{b}$   
 b.  $*[_N [_V \text{ truck driv} ] \text{ er}] \nrightarrow (44)\text{c}$   
 c.  $*\text{to } [_V \text{ truck drive}]$

Se o mecanismo de derivação regressiva explica (42)a, como mostra (43), por que esse mesmo processo é bloqueado no caso de (42)b, como mostra (44).

Os problemas apontados fazem supor que a estrutura que melhor representa os compostos sintéticos seja aquela proposta em (34)b –  $[_N [_V \text{ N V} ] \text{ affix}_N]$ , ainda que ela tenha como base um composto N-V, sistematicamente inexistente na língua. Isso quer dizer que compostos sintéticos são derivados de compostos raiz. Em outras palavras, para os autores, não há razões para se assumir que a sintaxe está diretamente envolvida na formação desses compostos. No entanto, a competição entre a sintaxe e a morfologia tem influência nesse processo e isso é explicitado pela restrição em (45), formulada por Ackema e Neeleman (2004). Essa restrição minimiza a complexidade morfológica de elementos inseridos em terminais sintáticos, em que a complexidade de um objeto morfológico aumenta com cada projeção de seu núcleo.

- (45) Sejam  $\alpha_1$  e  $\alpha_2$  representações sintáticas nucleadas por  $\alpha$ .  $\alpha_1$  bloqueia  $\alpha_2$  sse:
- em  $\alpha_1$  (uma projeção de)  $\alpha$  se concatena a (uma projeção de)  $\beta$  na sintaxe, enquanto em  $\alpha_2$  (uma projeção de)  $\alpha$  se concatena a (uma projeção de)  $\beta$  na morfologia, e
  - a relação semântica entre  $\alpha$  e  $\beta$  é idêntica em  $\alpha_1$  e  $\alpha_2$ .
- (Ackema; Neeleman 2004:51)

Assim, os autores afirmam que VPs (objetos sintáticos) do tipo de *drive a truck* bloqueiam compostos do tipo de *truck drive* (objetos morfológicos). Alguns compostos gramaticalmente possíveis não se formarão efetivamente na língua, mas poderão funcionar como bases para compostos sintéticos. Por outro lado, NPs (objetos sintáticos) como *driver of a truck*, não bloqueiam *truck driver* (objeto morfológico), já que categorias diferentes são concatenadas nas duas estruturas. Logo, o sintagma *driver of trucks* co-ocorre naturalmente com o composto sintético *truck driver*.

A dificuldade da proposta de Ackema e Neeleman (2004) está no fato de que sua análise depende crucialmente da existência de dois componentes computacionais na arquitetura da gramática. Se dois componentes geram

expressões linguísticas, deve haver uma ordem para a geração dessas expressões. Assim, (45) depende, necessariamente, de um ordenamento entre as operações dos dois componentes computacionais e, quando os autores afirmam que ela (a restrição) implica que a concatenação morfológica só vai ocorrer se não houver um competidor na sintaxe, somos levados a pensar que as operações sintáticas devem se realizar antes das morfológicas. No entanto, os autores também apontam que, se um dos objetos a ser concatenado for um afixo, a concatenação precisa ser morfológica, não podendo esperar pela sintaxe. Isso, por sua vez, nos leva a pensar em um ordenamento em que é necessário realizar as operações morfológicas antes das operações sintáticas.

Portanto, a opção por um modelo de análise pautado por uma arquitetura da gramática com apenas um componente computacional ganha mais força com essa observação: não será necessário estipular um ordenamento entre operações sintáticas e morfológicas em um modelo que assume apenas operações sintáticas para a formação de expressões linguísticas.

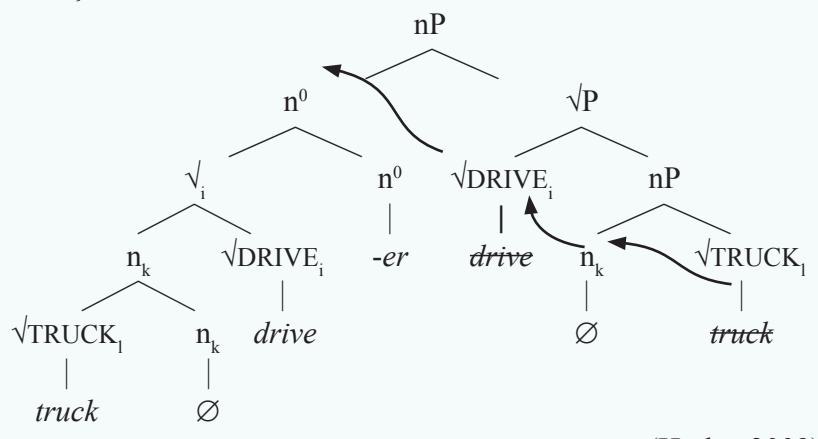
Uma primeira alternativa coerente com um modelo como esse aparece com a proposta de Harley (2009), desenvolvida sob os pressupostos da MD. A autora afirma que, para entender o processo de composição nesse modelo, é necessário entender a natureza das raízes dentro da teoria. Em sua análise para a formação de compostos, a estrutura, morfológicamente complexa, contém duas ou mais raízes, mas pode ser identificada como palavra devido ao seu comportamento fonológico e sintático. Para ela, os compostos são representados por meio de estruturas equivalentes a estruturas de incorporação, assumindo que aqueles compostos cujos membros estão em uma relação de predicado e argumento (*truck driver*), bem como aqueles em que essa relação é de adjunção (*quick-acting*), têm estruturas semelhantes.

Com base em dados do paradigma da substituição por *one* no inglês<sup>13</sup> e, também, no fato de que formas nominais em *-er/-or* podem ser derivadas de raízes presas (cf.: *groc-er*, *tract-or* ou *brok-er*), e não, necessariamente, de um verbo, mesmo em compostos sintéticos, Harley (2009) assume que raízes como  $\sqrt{\text{DRIVE}}$  selecionam seu argumento interno, que se associa a ela antes que ela seja categorizada por  $n^0$ , como se vê na representação em (46):

13. Os dados são ?\**That student of chemistry and this one of physics sit together* e *That student with short hair and this one with long hair sit together* e a autora sugere que o anafórico *one* precisa ser antecedido por um nP, não uma  $\sqrt{\text{VP}}$  ou  $\sqrt{\text{VP}}$  e conclui que argumentos de raízes são concatenados a elas antes que elas sejam categorizadas.

A morfossintaxe de compostos X-V em inglês\*

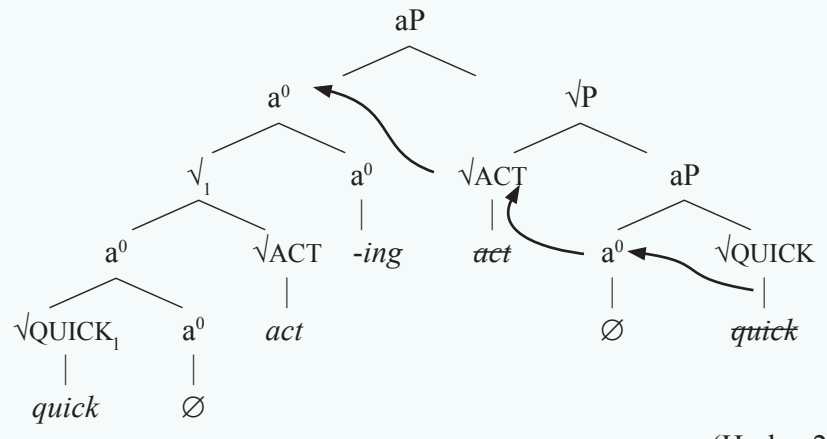
(46) Estruturas de composição: compostos sintéticos – relação de predicação



(Harley 2009)

No caso dos compostos sintéticos de modificação, tais como *quick-acting*, o elemento incorporado não será um argumento da raiz, mas um modificador do verbo a partir do qual se forma o elemento deverbal do composto. Roeper e Siegel (1978) já haviam observado que compostos de modificação só se formam a partir de pares verbo-modificador, se o modificador for o primeiro irmão do verbo no VP relevante. Ou seja, argumentos internos não podem intervir. Dessa forma, Harley (2009) sugere a representação em (47), para casos como *quick-acting*, em que os processos internos são semelhantes aos que se verificam em (46), já que o modificador será o primeiro elemento a se concatenar com a raiz, que não seleciona um argumento interno e, nessas circunstâncias, a raiz rege o modificador, tal como regeria um argumento interno:

(47) Estruturas de composição: compostos sintéticos modificacionais – relação de adjunção:



(Harley 2009)

A própria autora observa, no entanto, que, no caso de (47), a análise é problemática já que a forma *-ing* só deve se associar a verbos, ou seja, a raízes já

categorizadas por meio de um núcleo funcional do tipo de *v*. A solução deveria ser, então, o acréscimo do categorizador  $v^0$  acima de  $\sqrt{P}$  assim que *quick* se incorpora a  $\sqrt{ACT}$ . No entanto, essa análise gera a boa-formação de compostos X-V como *\*to quick-act*, *\*to meat-eat* e *\*truck drive*, contrariamente aos fatos. Um caminho possível seria dizer que o núcleo  $v^0$ , no inglês não pode abrigar compostos<sup>14</sup>, mas essa proposta não encontra suporte em fatos empíricos da língua, que admite a formação de *babysit*, *deep-fry*, etc. A solução alternativa, então, deverá ser a não interrupção da derivação de *quick-acting* em *v*, mas sua continuação até chegar em *a* (*ing*), onde a restrição a núcleos internamente complexos não se aplica.

Como proposta alternativa à de Harley (2009), Padrosa Trias (2010) adota a sugestão de Ackema e Neeleman (2004) e, sem tratar os compostos X-V como casos de derivação regressiva a partir de compostos nominais ou adjetivais, a autora sugere que, em casos em que a semântica das concatenações sintática e morfológica é a mesma, a concatenação sintática vence a morfológica em línguas como o inglês. Isso explica por que a concatenação sintática de um advérbio a um verbo, como em *to act quickly*, descarta ou bloqueia a concatenação morfológica *\*to quick act*. Casos como *computer-generate* terão uma explicação distinta, já que a semântica da concatenação sintática (gerar um computador) será diferente da semântica da concatenação morfológica (computador é o meio pelo qual se gera algo). Para se preservar a semântica do composto na sintaxe, outras categorias serão necessárias (gerar por meio de um computador) e a competição entre as formas não se coloca mais.

## 5. Discussão e análise

Na seção anterior, apresentei duas análises para a ocorrência de compostos X-V que, em alguns casos, mas não em todos, são correspondentes a compostos sintéticos. Descrevi, ainda, o tratamento para a inexistência de compostos X-V do tipo de *\*to truck drive* em termos de um bloqueio exercido pela ocorrência do sintagma *to drive a truck*.

Para Lieber (1983), a explicação para a existência de algumas formas nas línguas naturais, em detrimento de outras, que são impossíveis, requer uma reflexão importante sobre os mecanismos formais de que a arquitetura da gramática dispõe. Com base nos dados em (48) e (49), a autora se pergunta sobre os mecanismos formais que são necessários ao léxico para dar conta da boa-formação e da interpretação de compostos do inglês, como os que se vê em (48), diferentemente daqueles em (49)<sup>15</sup>.

14. Não há formação produtiva de verbos compostos no inglês: *\*to truck drive*, *\*to quick-act*.

15. Tradução literal da forma composta inexistente em inglês:

*\*fresh-smell: fresco-cheiro; \*carefully-considering: cuidadosamente-consideração; \*during-happy: durante-feliz; \*put-box: colocar-caixa; \*green-dry: verde-seco; \*appear-give: aparecer-dar;*





- (52) Today I **shoplifted** 4 sweaters **from J-crew**, 3 lipsticks **from Sephora**, and 3 pairs of underwear **from Macy's**.<sup>16</sup>

‘Hoje eu roubei (loja-roubei) 4 sweaters da J-crew, 3 batons da Sephora, e 3 pares de roupa íntima da Macy’s’

Minha hipótese parte do princípio de que os compostos verbais do inglês são formações independentes dos compostos sintéticos. Além dos pressupostos da MD, para a análise da composição, assumo, com Nóbrega (2014), que os compostos são formados sintaticamente da seguinte maneira:

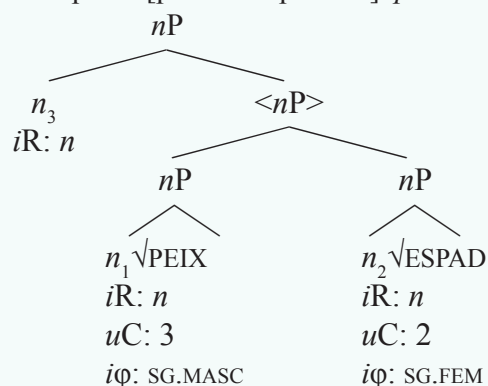
- (53) Composto:

Um composto é formado quando dois ou mais núcleos complexos, em determinada relação sintática, são recategorizados por um núcleo definidor de categoria – *n*, *v* ou *a*.

(Nóbrega 2014:24)

Além disso, assumo, tal como Nóbrega (2014), que os núcleos categorizadores são feixes de traços que modelam uma raiz gramaticalmente no espaço computacional, ao mesmo tempo em que a tornam visível para esse mesmo sistema. Esses núcleos são responsáveis por categorizar estruturas quase-sentenciais, a fim de gerar palavras compostas, tal como descrito em (53). Assim, por exemplo, a representação de um composto formado por duas palavras em português, tal como *peixe-espada*, será como se vê em (54):

- (54) Composto [palavra + palavra]: *peix-e espad-a*



(Nóbrega 2014:211)

Em particular a formação de compostos X-V do inglês se distinguirá da formação de compostos sintéticos nessa mesma língua pelo núcleo categorial responsável por categorizar a estrutura e formar o seu domínio (um *v* ou um *n*, por exemplo), pelo ponto da estrutura sintática em que esse composto é categorizado e pelo tipo de *merge*<sup>17</sup> estabelecido na derivação.

16. Agradeço a Vitor Nóbrega pela discussão sobre esse exemplo.

17. Chomsky (2000:133) define dois tipos de *Merge*: i) *set-Merge*, com propriedades semelhantes

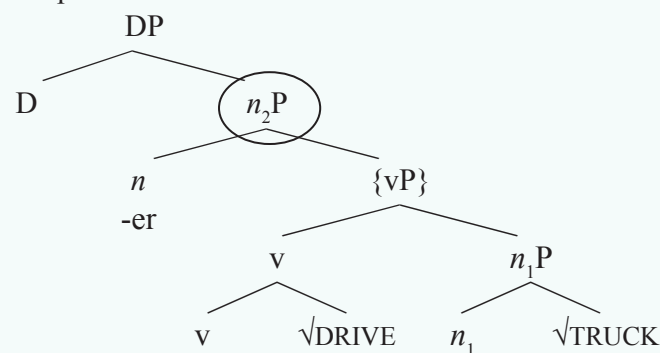
Os compostos X-V do inglês devem, então, ser vistos como verdadeiros compostos, derivados independentemente de compostos sintéticos. Como exemplo, apontarei as diferenças estruturais entre dois compostos sintéticos – *babysitter*, por um lado, e *truck driver*, por outro – e, além disso, também indicarei as diferenças estruturais entre um composto sintético como *babysitter* e seu composto X-V correspondente, *to babysit*.

As propostas de representação estrutural para os compostos *babysitter* e *truck driver* vão depender das interpretações que podem ser associadas a eles. Os exemplos de (20) a (22) mostraram que, considerando a existência de um composto sintético YX-er, como *truck driver* ou *babysitter*, a fórmula em (19), repetida em (55), se aplica exatamente àqueles que não têm um composto X-V correspondente: *truck driver*.

- (55) X-er (of Ys)                      Z...X-s Ys
- (56) a. truck driver                      \*to truck drive  
       b. driv-er of trucks                Z drives trucks                aplicação de (19)

Isso quer dizer que a semântica de *truck driver* se traduz pela organização estrutural desse composto, que poderia ser como (57), refletindo, através da relação estrutural de *set-Merge* ( $VP = \{v, n_1P\}$ ), que se estabelece entre *drive* e *truck*, a relação de predicação que existe entre esses elementos:

(57) Composto sintético: *truck driver*



Depois de estabelecida a relação de predicação entre *drive* e *truck*, o categorizador *n* entra na derivação e recategoriza o composto, que assumirá a forma *truck driver*. A mesma análise se aplica a *quick-acting*: nesse caso, ainda que *act* e *quick* não se relacionem como predicado e argumento, *set-merge* vai se aplicar por não haver um argumento interveniente entre o verbo *act* e o modificador *quick* (cf.: Roeper; Siegel 1978, Harley 2009).

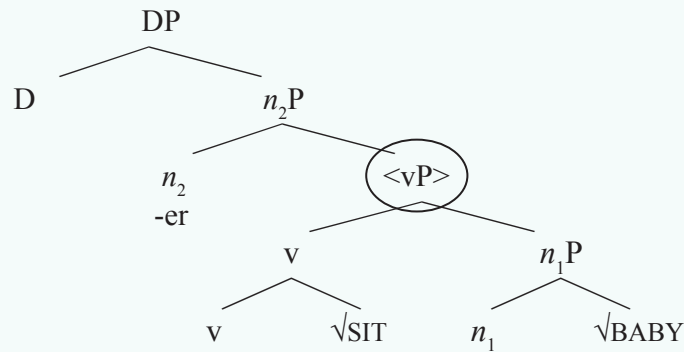
a *Agree*, concatenando os objetos sintáticos  $\alpha$  e  $\beta$ , um deles com um traço F, que deve ser satisfeito pelo próprio *Merge*. O resultado dessa operação é o conjunto  $\{\alpha, \beta\}$ ; ii) *pair-Merge*, que adjunge  $\alpha$  e  $\beta$ , formando o par ordenado  $\langle \alpha, \beta \rangle$ .

A representação estrutural do composto *babysitter*, por sua vez, deverá refletir o fato de que a sua interpretação não é a de *someone who sits babies*, mas a de *someone who looks after babies*. Ou seja, *babies* não é argumento de *sits*, da mesma forma que *truck* é argumento de *drive*: trata-se de uma interpretação idiossincrática que, portanto, não resultará de uma representação estrutural semelhante à que se propôs para *truck driver*, já que, diferentemente desse caso, em *babysitter*, a relação direta de predicação entre *sit* e *baby* não se estabelece.

- (58) a. *babysitter*                      to *babysit*  
       b. \**sit-er of babies*            \**Z sits babies*<sup>18</sup>        \*aplicação de (19)

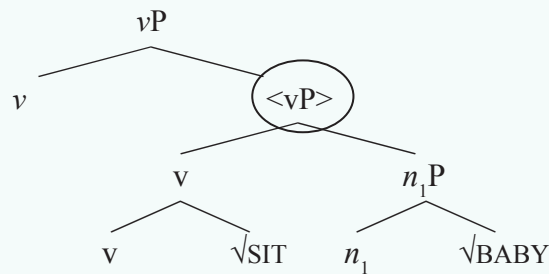
Vamos assumir, então, que a relação que se estabelece entre *sit* e *baby* no composto *babysit* seja uma relação de adjunção. Dessa forma, estruturalmente, essa relação será representada por uma operação de *pair-Merge*, como em (59), a seguir, permitindo a interpretação idiossincrática de *babysitter*, já que o verbo *sit* e o nome *baby* não estão em uma relação de predicação. Posteriormente, o resultado dessa adjunção é recategorizado por  $n_2$ , derivando *babysitter*:

(59) Composto sintético: *babysitter*



Por sua vez, o composto X-V ou, mais especificamente, N-V, *babysit*, será representado pela derivação em (60), semelhante à de (59), mas independente dela. Nesse caso, a derivação termina no momento em que a categoria verbal  $v$  é inserida para recategorizar o composto, como se vê abaixo:

(60) Composto N-V: *babysit*



18. Agramatical na interpretação canônica prevista para *sit* transitivo que está descrita em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/sit>.

Esta proposta dá conta dos fatos apresentados de (9) a (22), acima e tem, ainda, a vantagem de estar fundamentada em uma proposta de gramática que disponibiliza apenas um componente gerativo para palavras e sentenças. Em particular, a presença de uma grade argumental no composto, evidenciada pelos dados em (16), (17) e (52), está intimamente relacionada com o domínio da composição, pois a concatenação de um categorizador verbal acima da estrutura quase-sentencial <vP>, em (60), permite a seleção de outros argumentos, tal como um núcleo verbal simples. Dessa forma, os compostos verbais tratados aqui, embora contenham uma estrutura interna complexa, são vistos como uma derivação independente na sintaxe e operam como um verbo simples isolado, devido à recategorização ocasionada com a criação do domínio categorial.

Para dar conta da má-formação dos verbos *to truck-drive* e *to quick-act*, seria possível dizer que há uma restrição à recategorização, como um verbo, de um composto que tem sua origem numa operação de *set-Merge* que forma um VP. Relações de adjunção, por outro lado, representadas por uma operação de *pair-Merge* admitem essa recategorização por *v*, como aconteceu com *babysit*, em (60).

## 6. Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho apresenta um tratamento, dentro do modelo da MD, para a formação de compostos verbais, ou compostos X-V do inglês. Procurei desvincular dessas formações a ideia bastante difundida na literatura, de que elas podem ser formadas a partir de um processo de DR, e associar a elas a possibilidade de um tratamento em termos de MD, um modelo não lexicalista de formação de palavras. A discussão apresentada aqui sobre a formação de compostos sintéticos e compostos X-V do inglês levou em conta algumas das propriedades sintático-semânticas desses compostos e constitui apenas uma faceta de um conjunto muito amplo de questões. A sugestão de análise para a formação desses tipos de compostos representa, assim, uma pequena contribuição para a ampliação do conhecimento sobre formas compostas do inglês e sobre como elas devem ser representadas na mente do falante.

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 07/07/2017

Email:

Ana Paula Scher [anascher@usp.br](mailto:anascher@usp.br)

## Referências

ADAMS, M. 1973. *Introduction to modern English word formation*. London: Longman, London.

- ARONOFF, Mark. 1976. *Word formation in generative grammar*. Cambridge MA: MIT Press.
- ALEXIADOU, Artemis; IORDACHIOAIA, Gianina. 2015. Idiomaticity and Compositionality in Deverbal Compounds. Trabalho apresentado no BCGL, 8, Bruxelas.
- ACKEMA, Peter; NEELEMAN, Ad. 2004. *Beyond Morphology: Interface Conditions on Word Formation*. Oxford: Oxford University Press.
- ACKEMA, Peter; NEELEMAN, Ad. 2010. The Role of Syntax and Morphology in Compounding. In: SCALISE, Sergio; VOGEL, Irene (Eds.) *Cross-Disciplinary Issues in Compounding*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, p. 21-35.
- ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. 2015. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro: Uma Abordagem Sintática da Formação de Palavras*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- BLOOMFIELD, Leonard. 1933. *Language*. New York: Henry Holt.
- BORER, Hagit. 2013. *Taking Form*. Oxford: Oxford University Press.
- BYE, Patrick; SVENONIOUS, Peter. 2012. Non-concatenative morphology as epiphenomenon. In TROMMER, J. (Ed.) *The Morphology and Phonology of Exponence*, Oxford: Oxford University Press, p. 427-495.
- CHOMSKY, Noam. 2000. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, Roger; MICHAELS, David; URIAGEREKA, Juan. *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor to Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000, p. 89-155.
- CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. 1995. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell, p. 245-306.
- DAVIS, Stuart; TSUJIMURA, Natsuko. 2014. Non-concatenative Derivation: Other Processes. In: LIEBER, Rochelle; STEKAUER, Pavol. (Eds.), *The Oxford Handbook of Derivational Morphology*. Oxford: Oxford University Press, p. 190-218.
- GRIMSHAW, Jane. 1990. *Argument structure*. Cambridge, London: The MIT Press.
- HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. 1993. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176.
- HARLEY, Heidi. 2009. Compounding in Distributed Morphology. In LIEBER, Rochelle; STEKAUER, Pavol. (Eds.). *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford: Oxford University Press.
- HASPELMATH, Martin. 2002. *Understanding morphology*. London: Arnold.
- HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea. D. 2010. *Understanding morphology*. 2nd edition. London: Hodder Education.
- KIPARSKI, Paul. 1982. Lexical Morphology and Phonology. In YANG, In-Seok. (Ed.) *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing Co, p. 3-91.

- LIEBER, Rochelle. 1980. *On the Organization of the Lexicon*, Tese de Doutorado. Cambridge, Massachusetts: MIT.
- LIEBER, Rochelle. 1983. Argument linking and compounds in English. *Linguistic Inquiry* 14: 251-286
- MARCHAND, Hans. 1960. *The categories and types of present-day English word-formation: A synchronic-diachronic approach*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- MARCHAND, Hans. 1963. On content as a criterion of derivational relationship with back derived words. *Indogermanische Forschungen* 68: 170-5. (Reimpresso em KATOVSKY, Diète (Ed.). 1974. *Studies in syntax and word-formation: Selected articles by Hans Marchand*. Munique: Fink, p. 218-23.)
- MARTSA, Sandór. 2011. On the synchronic relevance of back-formation. In KÁPARTI, E., NÁDOR, O. SZÜCS, T. (eds.). *Hungarológiai Évkönyv 12 2011*. Pécs: Dialóg Campus, p. 192-204.
- MARTSA, Sandór. 2012. Back formation reconsidered. In BAS British and American Studies (Eds) *Readings on the Edge*. Timisoara: Editora Universitatea de Vest.
- NAGANO, Akiko. 2007. Marchand's analysis of back-formation revisited: back-formation as a type of conversion. *Acta Linguistica Hungarica*, 54.1, p. 33-72.
- NÓBREGA, Vitor. 2014. *Tópicos em Composição*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- PADROSA TRIAS, Susanna. 2010. *Complex Word formation and the morphology syntax interface*. Tese de doutorado. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. 2001. *A construção de postverbais em português*. Águeda: Granito Editores e Livreiros.
- RODRIGUES, Alexandra Soares. Aspectos da formação dos substantivos postverbais do português. *Filologia e Lingüística Portuguesa* 6: 7-37.
- ROEPER, Thomas; SIEGEL, Muffy. E. A. 1978. "A lexical transformation for verbal compounds", *Linguistic Inquiry* 9.2: 199-260
- SCHER, Ana Paula; NÓBREGA, Vitor Augusto. 2014. Entre composição e incorporação nominal: a formação de núcleos verbais complexos. Manuscrito. Universidade de São Paulo.
- SELKIRK, Elizabeth. 1982. *The Syntax of Words*. Cambridge, MA: MIT Press.
- SIDDIQI, Danniell. 2009. *Syntax within the word: economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology*. [Linguistik Aktuell/Linguistics Today 138]. Amsterdam: John Benjamins.
- VELÁZQUEZ-CASTILLO, Maura. 1996. *The grammar of possession: inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní*. Amsterdam: Benjamins.

**Anexo: Tradução dos exemplos do inglês em ordem alfabética**

adolesce (v):	<i>amadurecer; passar pela adolescência;</i>
air-condition (v):	<i>equipar algum lugar com ar condicionado;</i>
air-conditioner:	<i>ar condicionado;</i>
air-conditioning:	<i>sistema de refrigeração de um ambiente;</i>
anthologize (v):	<i>antologizar;</i>
aviate (v):	<i>navegar o ar, como em um aeroplano;</i>
babysit (v):	<i>cuidar de criança;</i>
babysitter:	<i>babá;</i>
back-form (v):	<i>fazer derivação regressiva;</i>
back-formation:	<i>derivação regressiva;</i>
backpack (v):	<i>mochilar;</i>
balad-singing:	<i>canto de baladas;</i>
bibliography (v):	<i>(o dicionário Merriam-Webster's não traz esta palavra como verbo);</i>
brainwash (v):	<i>fazer lavagem cerebral;</i>
brainwashing:	<i>lavagem cerebral;</i>
branch-brown:	<i>galho;</i>
breathalyze (v):	<i>fazer o teste do bafômetro;</i>
breathalyzer:	<i>bafômetro;</i>
brux (v):	<i>ranger os dentes;</i>
bruxism:	<i>bruxismo;</i>
burglarize (v):	<i>roubar;</i>
buttle (v):	<i>server ou agir como um mordomo;</i>
buttonhole (v):	<i>casear (fazer casas para botões em roupas);</i>
canoe (v):	<i>canoar;</i>
cash (v):	<i>pagar em dinheiro;</i>
chain-drink (v):	<i>beber uma bebida atrás da outra;</i>
chain-smoke (v):	<i>fumar continuamente, acender um cigarro no outro;</i>
chain-smoker:	<i>que acende um cigarro no outro;</i>
chauffe (v):	<i>dirigir;</i>
chauffer:	<i>motorista;</i>
cram (v):	<i>amontoar;</i>
cross multiplication:	<i>multiplicação cruzada;</i>
cross multiply (v):	<i>fazer multiplicação cruzada;</i>
cross-refer (v):	<i>fazer referência cruzada;</i>
cross-reference:	<i>referência cruzada;</i>
custom-made:	<i>sob medida;</i>
custom-make (v):	<i>fazer sob medida;</i>



## A morfossintaxe de compostos X-V em inglês\*

dart (v):	<i>dartejar;</i>
debug (v):	<i>tirar o bug;</i>
delir (v):	<i>delirar;</i>
delirium:	<i>delírio;</i>
derail (v):	<i>descarrilhar;</i>
disbar (v):	<i>cancelar a licença do advogado;</i>
Disneyize (v):	<i>Disneyizar;</i>
displace (v):	<i>deslocar;</i>
door-leveler:	<i>nivelador de portas;</i>
draw-sheet:	<i>papel de desenho;</i>
dry-clean (v):	<i>lavar a seco;</i>
dry-cleaner:	<i>tintureiro;</i>
dry-cleaning:	<i>lavagem a seco;</i>
fine-tune (v):	<i>ajustar alguma coisa com precisão;</i>
fleece (v):	<i>tosquiar;</i>
foodpoisoning:	<i>intoxicação alimentar;</i>
fortify (v):	<i>fortificar;</i>
frivol (v):	<i>desperdiçar;</i>
frivolous:	<i>frívolo;</i>
ghettoize (v):	<i>isolar, como em um gueto;</i>
gondle (v):	<i>conduzir uma gôndola;</i>
gondole:	<i>gôndola;</i>
grandstand (v):	<i>agir para impressionar;</i>
green-crazy:	<i>louco por verde;</i>
hard-boil (v):	<i>cozinhar (um ovo) com casca (clara e gema duras);</i>
hard-boiled:	<i>bem cozido, duro;</i>
headhunt (v):	<i>recrutar executivos de talento;</i>
headhunter:	<i>recrutador de executivos de talento;</i>
hoke (v):	<i>atribuir falso valor/qualidade a alguma coisa;</i>
hokum:	<i>fanfarronada;</i>
housebreak (v):	<i>domesticar;</i>
housebroken:	<i>domesticado;</i>
houseclean (v):	<i>limpar a casa;</i>
housecleaning:	<i>limpeza de casa;</i>
housekeep (v):	<i>cuidar da casa;</i>
jam-pack (v):	<i>lotar;</i>
jam-packed:	<i>lotado;</i>
jell (v):	<i>adquirir a consistência de gelatina;</i>
jerry-build (v):	<i>fazer ou construir alguma coisa sem cuidado;</i>
jerry-built:	<i>feito ou construído sem cuidado;</i>
liaise (v):	<i>ligar;</i>
liaison:	<i>ligação;</i>

lightstepping:	<i>iluminação de chão;</i>
lodge (v):	<i>alojar;</i>
marmalade (v):	<i>passar marmelada;</i>
meow (v):	<i>miar;</i>
methanate (v):	<i>converter em metano;</i>
mother (v):	<i>agir como mãe;</i>
mummify (v):	<i>mumificar;</i>
overground:	<i>tipo de transporte;</i>
peeve (v):	<i>irritar, zangar;</i>
peevis:	<i>irritado;</i>
piece (v):	<i>remendar;</i>
proofread (v):	<i>revisar;</i>
proofreader:	<i>revisor;</i>
quarry (v):	<i>escavar para obter o mármore;</i>
quick-acting:	<i>de efeito rápido;</i>
referee (v):	<i>arbitrar;</i>
resinify (v):	<i>resignificar;</i>
rivet (v):	<i>fixar com rebite;</i>
roadrunner <sup>19</sup> :	<i>corredor;</i>
rotavate (v):	(o dicionário Merriam-Webster's não traz esta palavra como verbo); <i>motoceifeira</i> (dicionário informal)
rotisse (v):	<i>assar carne;</i>
rotisserie:	<i>restauraunte especializado em carne assada;</i>
self-destruct (v):	<i>auto-destruir-se;</i>
self-destruction:	<i>auto-destruição;</i>
sharpshoot (v):	<i>atirar de modo preciso;</i>
sharpshooter:	<i>atirador de precisão;</i>
shoplift (v):	<i>roubar em uma loja;</i>
shoplifter:	<i>ladrão de loja;</i>
shrimp (v):	<i>pescar camarão;</i>
sightsee (v):	<i>passear por lugares interessantes;</i>
slow-dry:	<i>secagem lenta;</i>
stage-manage (v):	<i>gerenciar palcos;</i>
stage-manager:	<i>gerente de palco;</i>
stone-wash (v):	<i>fazer lavagem (de jeans) com pedra-pomes;</i>
stone-washed:	<i>jeans lavado com pedra-pomes;</i>
strump (v):	<i>trabalhar como prostituta;</i>
strumpet:	<i>prostituta;</i>
sugar (v):	<i>adoçar;</i>
sunburn (v):	<i>queimar ou descolorir com o sol;</i>

19. *Roadrunner* também é o nome de um pássaro típico de desertos americanos – *papa-léguas*

## A morfossintaxe de compostos X-V em inglês\*

sunburnt:	<i>queimado ou descolorido pelo sol;</i>
surveillance:	<i>vigilância;</i>
surveille (v):	<i>vigiar;</i>
televise (v):	<i>televisionar;</i>
tiff (v):	<i>ter uma discussão de pouca importância;</i>
trial (v):	<i>enviar para julgamento;</i>
truck driver:	<i>motorista de caminhão;</i>
truckbook:	<i>livro sobre caminhões;</i>
ultimate (v):	<i>dar um ultimato;</i>
ultimatum:	<i>ultimato;</i>
uncage (v):	<i>desenjaular;</i>
uncork (v):	<i>retirar a rolha;</i>
vampirize (v):	<i>vampirizar;</i>
vitaminize (v):	<i>vitaminizar;</i>
volume-expand (v):	<i>expandir volume;</i>
volume-expanding:	<i>expansão de volume;</i>
widow (v):	<i>enviuvar;</i>
window cleaner:	<i>pessoa que limpa janelas;</i>
window dresser:	<i>vitrinista;</i>
window-shop (v):	<i>olhar vitrines;</i>
window-shopper:	<i>aquele que olha vitrines;</i>
winter (v):	<i>invernar;</i>
word (v):	<i>dizer;</i>
york (v):	<i>(o dicionário Merriam-Webster's não traz esta palavra como verbo);</i>